

Ordo ad visitandum infirmum do Pontifical de Braga do séc. XIII

O objectivo deste trabalho é completar a documentação referente às tradições portuguesas do Sacramento dos Doentes, publicada há anos nesta revista¹. Por lamentável lapso omitimos o *Ordo ad visitandum infirmum* do Pontifical de Braga do séc. XIII (*Lisboa, B. N. Cod. alc.* 162), lapso tanto mais lamentável quanto havíamos publicado já a ladainha desse *ordo* ao chamar a atenção para a origem bracarense do livro². Chegou o momento de colmatar essa lacuna.

O ritual de visita aos doentes do *Pontifical de Braga do séc. XIII* reveste-se de duplo interesse: teológico e documental.

Teológico em primeiro lugar. A Unção dos Enfermos é de todos os sacramentos aquele cuja disciplina mais evoluiu através dos tempos. Pode dizer-se que até ao séc. XVI, data da uniformização quase universal da liturgia no Ocidente, cada tradição local possuía ritual próprio. E se compararmos a história deste sacramento com a prática das Igrejas Orientais, mais se acentua a diversidade de disciplina, de prática pastoral e de interpretação espiritual.

Uma teologia positiva do Sacramento dos Doentes, ou seja, uma teologia fundamentada na Tradição, só poderá ser elaborada a partir da práxis da Igreja. Isto supõe o seu conhecimento, pelo que a publicação dos rituais ainda inéditos constitui necessidade urgente e contributo indispensável para uma síntese doutrinal.

No caso presente encontramos-nos diante de um documento rico. Compõem-no nada menos que nove orações, além da fórmula

¹ Joaquim O. BRAGANÇA, *Unctio Infirmorum. Tradições Portuguesas do Sacramento dos Doentes*, «Didaskalia», II (1972), 299-360.

² Joaquim O. BRAGANÇA, *Um pontifical de Braga do século XIII*, «Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira», V (1963), 637-645.

ritual da unção, e sete antífonas a acompanhar os salmos penitenciais. Estas antífonas são particularmente significativas para a interpretação teológica e sentido espiritual do sacramento. Todas são citações bíblicas, e todas, excepto a primeira e a quarta — 3 e 6 da numeração marginal — referem curas operadas por Jesus Cristo.

Na mesma linha doutrinal vão também as orações, se exceptuarmos a oração 18, que é na realidade uma antiga composição destinada à reconciliação *in extremis*, já conhecida do Sacramentário Gregoriano³. Apesar de nos encontrarmos nos princípios do séc. XIII, nada deixa transparecer a mentalidade que vê na unção dos enfermos a *extrema-unção*. Pelo contrário, as súplicas encaminham-se, na sua grande maioria, no sentido de considerar a cura do doente como efeito principal do Sacramento.

De salientar ainda o carácter eclesial da administração, pois está prevista a presença de vários sacerdotes. Estes, para exprimirem de maneira efectiva a sua participação, deverão dizer as orações colocadas a seguir à comunhão (12-19). E não só orações, mas também salmos, como indica a rubrica final (20).

O mesmo sentido comunitário se manifesta no momento da agonia: reunir-se-á o clero à volta do doente para rezar o *Credo* e as ladainhas (21-22).

Um livro organizado em Portugal

Do ponto de vista histórico, reveste-se este *ordo* de particular significado para explicar a natureza do Pontifical de Braga do séc. XIII e, por essa via, as origens do rito medieval de Braga.

Dois índices bastam para demonstrar que o *Cod. alc.* 162 é um pontifical organizado para uso dos arcebispos de Braga. Primeiro, a invocação dos santos de Braga — S. Victor, S. Frutuoso, S. Martinho e S. Geraldo — nas ladainhas. Segundo, a menção expressa do arcebispo de Braga na ordenação dos novos bispos. O âmbito destes argumentos foi já salientado noutra lugar e não é o momento de retomar o assunto⁴.

O problema que desejaríamos levantar é o de saber *onde*, *porquê* e *como* foi organizado este documento. Ao contrário do Pontifical

³ Jean DESHUSSES, *Le Sacramentaire Grégorien. Ses principales formes d'après les plus anciens manuscrits*, Fribourg Suisse 1971, 457, n.º 1397.

⁴ Trabalho indicado na nota 2.

de Braga do séc. XII (Porto, B. M. ms. 1134), manuscrito francês ou cópia servil de protótipo vindo de França⁵, o Pontifical de Braga do séc. XIII (Lisboa, B. N. Cod. alc. 162) é um livro de confecção nacional. Já Solange Corbin chamara a atenção para argumento irrefutável: a notação musical, que não é aquitana, mas portuguesa⁶. Da nossa parte apontaremos mais adiante outros índices.

Sendo um livro feito em Portugal, em que *scriptorium* teria sido transcrito? A resposta a este problema, na falta de *colofon*, — o manuscrito está incompleto — só poderá ser dada a partir de critérios de ordem interna: decoração — algumas iniciais estão requintadamente ornamentadas —; factores de ordem codicológica, se ententemos a codicologia tal como a entende L. Gilissen⁷; índices de carácter paleográfico e notação musical. O estado actual destas ciências em Portugal não permite dar resposta fundamentada a esta questão. Só quando tivermos monografias referentes aos diversos centros de irradiação cultural, tal como o trabalho de Jean Dufour sobre o *scriptorium* de Moissac⁸ e o de Danielle Gaborit-Chopin sobre S. Marçal de Limoges⁹, para citar apenas dois exemplos, se poderá encarar essa possibilidade.

Porquê o Pontifical de Braga do séc. XIII? Esta pergunta só tem sentido se tivermos em mente que Braga possui já um pontifical no séc. XII — Porto 1134 — e que o Cod. alc. 162 é um documento completamente diferente dele. Ao contrário do que se passa em Roma com o Pontifical do séc. XIII, que consiste numa reedição, revista e aumentada, como diríamos hoje¹⁰, do pontifical anterior¹¹, em Braga o Pontifical do séc. XIII é um livro totalmente novo, quer na estrutura global quer no conteúdo litúrgico. Surge assim a pergunta: *porquê* um novo livro em menos de 50 anos, uma vez que o ms. 1134 do Porto está datado dos fins do séc. XII e o Cod. alc. 162 dos princípios do séc. XIII?

⁵ Para a data, procedência, natureza e conteúdo deste manuscrito, ver Joaquim O. BRAGA, *Pontifical de Braga do século XII*, «Didaskalia», VII (1977), 309-298.

⁶ SOLANGE CORBIN, *Essai sur la musique religieuse Portugaise au Moyen-Age*, Paris 1952, 184.

⁷ L. GILISSEN, *Prolegomènes à la Codicologie*, Gand 1977.

⁸ JEAN DUFOUR, *La bibliothèque et le scriptorium de Moissac*, Genève-Paris 1972.

⁹ DANIELLE GABORIT-CHOPIN, *La décoration des manuscrits à St. Marçal de Limoges et en Limousin du IXe au XIIIe siècle*, Genève-Paris 1969.

¹⁰ Michel ANDRIEU, *Le Pontifical Romain au Moyen-Age*, Tom. II, *Le Pontifical de la Curie Romaine au XIIIe siècle*, Città del Vaticano 1940.

¹¹ Michel ANDRIEU, *Le Pontifical Romain au Moyen-Age*, Tom. I, *Le Pontifical Romain du XIIIe siècle*, Città del Vaticano 1938.

A razão é simples. O *Pontifical do séc. XII* é aquilo que se chama um pontifical *monástico*, ou seja, um livro destinado ao bispo que preside ao mesmo tempo a uma comunidade religiosa — neste caso de Cónegos Regrantes — e a uma diocese. Bastará ver o que se passa com o cerimonial do *Mandato* em Quinta-Feira Santa para dissipar quaisquer dúvidas¹².

A utilização em Braga dum pontifical *monástico* não tem nada de estranho. Os arcebispos S. Geraldo (†1108) e o seu sucessor D. Maurício Burdino († depois de 1121) eram monges de Cluny; D. João Peculiar (†1175) foi um dos fundadores de Santa Cruz de Coimbra.

Um livro de tal natureza não se adaptava, como é óbvio, à situação de Braga nos começos do séc. XIII. Impunha-se um livro novo. E daí a pergunta: *como* teria ele sido organizado? Pode dizer-se que, de maneira geral, foi compilado a partir de fontes anteriores já conhecidas em Braga. Não é este o momento para descrever a maneira como o compilador as utilizou. Limitar-nos-emos a dois exemplos concretos.

Como não podia deixar de ser, serviu-se do pontifical anterior no ritual das ordenações e outros de semelhante importância. Mas o caso mais significativo é o cerimonial da adoração da Cruz em Sexta-Feira Santa. Este é constituído por quatro orações inéditas¹³, que só aparecem nos dois documentos.

Outro exemplo igualmente elucidativo é o ritual de casamento, que ele foi buscar ao *Missal de Mateus*. Trata-se de cerimonial típico deste manuscrito, pois não o encontrámos até hoje em nenhum outro documento medieval¹⁴.

E o *Ordo ad visitandum infirmum*, problema que nos interessa especialmente aqui? Não possuímos hoje nenhum documento de Braga anterior ao séc. XIII com este ritual, mas ele deveria existir, porque indispensável à vida pastoral. Por outro lado, o ritual impresso no séc. XVI, que reflecte a tradição manuscrita, contém-no.

¹² Edição deste cerimonial em «Didaskalia», VII (1977), 384-387.

¹³ Edição recente destas preces em: Joaquim O. BRAGANÇA, *A adoração da Cruz na espiritualidade do Ocidente. «Ordines» inéditos da França meridional*, «Didaskalia» V (1975), 258-259; 261-262.

¹⁴ *Missal de Mateus. Manuscrito 1 000 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1975, 575-580, n.ºs 2444-2466.

Este ritual foi objecto de trabalho de investigação histórica referente ao cerimonial de casamento em França na Idade Média: Jean-Baptiste MOLIN et Protais MUTEMBE, *Le Rituel du Mariage en France du XIIIe au XVIe siècle*, Paris 1974, de que constitui o *Ordo VI*, 291-292.

É legítimo por isso supor que, também neste ponto, o compilador do séc. XIII reproduz tradição anterior.

Como quer que seja, existe um documento em Portugal, na altura já com um século de existência, quase em tudo semelhante ao do nosso Pontifical: o *Ordo ad visitandum infirmum fratrem*, do ms. 843 da Bibl. Mun. do Porto, proveniente de Santa Cruz de Coimbra¹⁵. Há um parentesco evidente entre os dois documentos, como se poderá ver pelo quadro seguinte, o que permitirá deduzir algumas conclusões¹⁶.

Ritual de Santa Cruz de Coimbra

Porto, Bibl. Mun. ms. 843.

Pontifical de Braga do séc. XIII

Lisboa, B. N. Cod. alc. 162

- | | |
|--|--|
| 1 <i>Quando ingrediuntur domum...</i> | |
| 2 <i>Benedic Domine Domum istam...</i> | |
| 3 <i>Salvum fac servum tuum...</i> | |
| 4 <i>Deus qui famulo tuo Ezechie...</i> | |
| 5 <i>Deus qui per Apostolum tuum...</i> | 1 <i>Omnipotens... qui per beatum Apostolum...</i> |
| 6 <i>Per istam unctionem...</i> | 2 <i>Per istam unctionem...</i> |
| 7 <i>Sana me Domine...</i> | 3 <i>Sana me Domine...</i> |
| 8 <i>Erat quidam regulus...</i> | 4 <i>Erat quidam regulus...</i> |
| 9 <i>Domine descende...</i> | 5 <i>Domine descende...</i> |
| 10 <i>Cor contritum...</i> | 6 <i>Cor contritum...</i> |
| 11 <i>Domine puer meus...</i> | 7 <i>Domine puer meus...</i> |
| 12 <i>Domine non sum dignus...</i> | 8 <i>Domine non sum dignus...</i> |
| 13 <i>Cum sol autem occidisset...</i> | 9 <i>Cum sol autem occidisset...</i> |
| 14 <i>His expletis... osculentur eum...
Corpus Domini nostri Iesu
Christi...</i> | 10 <i>Deinde... proferat ei crucem...</i> |
| 15 <i>Hoc corpus quod pro vobis...</i> | 11 <i>Corpus Domini nostri Iesu
Christi...</i> |

¹⁵ Sobre este manuscrito, ver trabalho citado na nota 1, 301-305.

¹⁶ Para o texto integral de Coimbra ver o *Ordo I* do trabalho indicado na nota 1^a 311-322. O *ordo* de Braga é o que a seguir editamos. Nos dois casos a numeração que a acompanha as orações refere-se às respectivas edições.

16 Qui manducat carnem
meam...

17 Domine... qui es salvator...

18 Domine... qui fragilitatem...

19 Respice Domine famulum
tuum...

20 Deus qui facture tue...

21 Deus qui humano generi...

22 Virtutum celestium Deus...

23 Deus... qui benedictionis...

24 Maiestatem tuam Domine...

25 Propicietur Dominus...

26 Dominus apud te sit...

27 Benedicat te Deus celi...

28 Benedicat te Deus Pater...

29 Benedicat Deus Pater...

30 Deus omnipotens salvator...

31 Dominus Iesus Christus
qui...

32 Deus indulgentie, pietatis...

12 Deus qui famulo tuo Eze-
chie...

13 Domine... qui es salvator...

14 Domine... qui fragilitatem...

15 Respice Domine famulum
tuum...

16 Deus qui facture tue...

17 Deus qui humano generi...

18 Maiestatem tuam Domine...

19 Propicietur Dominus...

20 *Psalmos recitent...*

21 Credo in unum Deum...

33 *Letania*

34 Misericordiam tuam...

35 Proficiscere anima...

22 *Letania*

Este simples quadro permite-nos deduzir algumas conclusões. — O *Ordo ad visitandum infirmum fratrem* do Ritual de Santa Cruz de Coimbra (Porto, Bibl. Mun. ms. 843) é um ritual completo, perfeitamente elaborado, constituído por cinco elementos: — ritos de entrada, com bênção da casa e bênção e aspensão do doente (1-4); — ritual propriamente dito da Unção do Enfermo (5-13); — administração do Viático, antecedido do beijo da paz e seguido de um conjunto de orações a implorar a saúde do doente (14-25); — bênção do doente, com vários formulários (26-29); — ritual de reconciliação,

com bênção e imposição de cinzas (30-32); — e, finalmente, ladainha de todos os Santos e preces para a agonia (33-35).

— O Pontifical de Braga do séc. XIII (Lisboa, B. N. Cod. alc. 162), mais *moderno*, conserva só os dois ritos essenciais, *Unção* e *Comunhão* do doente, ignorando os ritos de entrada, bênção do enfermo e ritual de reconciliação.

— O *Ordo ad visitandum infirmum* do Pontifical de Braga é globalmente o mesmo do de Santa Cruz de Coimbra e dele parece depender, directa ou indirectamente, a menos que dependam os dois de fonte comum. Convém todavia notar certas diferenças entre os dois documentos.

O *ordo* de Coimbra é um ritual *monástico*, conforme indica o próprio título: *ad visitandum infirmum fratrem*, enquanto que o de Braga se destina a qualquer fiel: *ad visitandum infirmum*. Daí certamente a simplificação a que foi submetido: supressão das antífonas de *Comunhão* (Ritual de Coimbra 15 e 16) e das orações 22 e 23, além dos ritos acima referidos.

O *ordo* de Braga começa *ex abrupto* com a tradicional oração que referencia a instituição do Sacramento dos Doentes à Epístola de Sant'Iago. O texto desta oração porém é muito diferente nos dois documentos¹⁷.

Outras diferenças, de menor monta, se podem observar. Assim, a Antífona 5 de Braga, em vez de *ait ei Iesus* de Coimbra prefere *dicit ei Iesus*, e acrescenta no fim *alleluia*. Algo de parecido se passa com a Antífona seguinte, onde a redacção *ne despicias* é preferida a *non despicias* de Coimbra¹⁰. Na mesma ordem de ideias, diferença textual mais digna de nota verifica-se na Antífona 7 de Braga, onde se lê: *amen dico tibi: ego veniam et curabo eum*, em vez de *ait illi Iesus: ego veniam et curabo eum*. Muitas outras particularidades se poderiam assinalar, insignificantes à primeira vista, mas que parecem indicar não haver dependência directa do ritual de Braga em relação ao texto de Coimbra, a não ser na hipótese de uma *correção* do texto, pouco verosímil.

¹⁷ A composição de Braga reflecte vincada opção doutrinal, infectando na linha teológica que considera o perdão dos pecados como o efeito principal do sacramento, sem qualquer referência à saúde corporal. Pelo contrário, a redacção de Coimbra salienta em primeiro lugar, de modo bem explícito, a cura do doente. Poder-se-á assim perguntar que meio espiritual e teológico representará cada uma destas redacções. A resposta só poderá ser dada com objectividade quando se fizer a história da composição, na sua origem e evolução redaccional. Não nos parece todavia que a operação se tenha efectuado em Braga, porque na altura não existe lá qualquer escola teológica de relevo.

— A única diferença de *estrutura litúrgica* entre os dois documentos diz respeito à oração 12 de Braga: *Deus qui famulo tuo Ezechie*. Esta oração conclui no *ordo* de Coimbra o pequeno ritual de *bênção do doente* (3-4), a seguir à *bênção da casa* (1-2), enquanto que em Braga está colocada a seguir à comunhão, e como que a substituir as antífonas suprimidas, a isso destinadas em Coimbra (15 e 16).

— Quanto ao cerimonial propriamente dito, importa salientar o *rito da paz*, antes da comunhão. Em Coimbra (14) conserva-se ainda, apesar de nos encontrarmos em pleno séc. XII, o tradicional *beijo da paz*, enquanto que em Braga (10) temos a cerimónia tipicamente medieval de *dar a cruz* a beijar. De registar em ambos os casos as preocupações de ordem higiénica: em Coimbra lavam-se primeiro os lábios do doente; em Braga, as mãos do sacerdote que segura a cruz.

— Importa assinalar por fim que as ladainhas são completamente diferentes nos dois documentos, o que parece excluir, de maneira peremptória, a hipótese duma dependência directa. Se tal existisse, poder-se-ia admitir, quando muito, a inserção de Santos locais no modelo de origem.

— Todos estes índices apontam para a origem comum dos dois rituais, mas por vias diferentes.

Como é sabido, os livros litúrgicos de Santa Cruz de Coimbra, — os primeiros livros, pelo menos, — provêm de S. Rufo de Avinhão¹⁸. Mas é também evidente que não foram os religiosos do célebre mosteiro, restaurado em 1039, que inventaram a sua própria liturgia. Devem ter adoptado as tradições litúrgicas de alguma igreja local, muito embora o problema não esteja ainda bem esclarecido. Contudo, a invocação de SS. Justo e Pastor, padroeiros da catedral de Narbona, e sobretudo a presença de *Sancta Fides* de Conques, indicam com clareza a direcção da sua procedência e origem.

Por outro lado, é conhecida a influência que teve S. Hugo (†1109), Abade de Cluny, na reforma da vida canonical, nomeadamente em Toulouse¹⁹; e sobejamente conhecida a influência de Cluny na constituição do rito medieval de Braga²⁰.

¹⁸ Ver trabalho indicado na nota 1, 304-305; e ainda Joaquim O. BRAGANÇA, *Ritual de Santa Cruz de Coimbra*, «Didaskalia», VI (1976), 127-130.

¹⁹ J. BECQUET, *Saint Hugues sur les chemins de Moissac. La réforme canoniale, in Moissac et l'Occident au XIe siècle*, Toulouse 1964, 37-44.

²⁰ Para o caso concreto do *Missal de Mateus* ver edição citada, p. XXXVIII.

Assim se explica que o mesmo ritual de base, em uso no Sul da França, tenha chegado a Portugal por duas vias e tenha sido adoptado por duas liturgias: Santa Cruz de Coimbra e Braga.

A influência de Cluny na introdução deste ritual em Braga está mais que patente nas ladainhas: nelas são invocados os primeiros grandes santos da sua história: S. Odão (†942), primeiro Abade; S. Maiolo (†994), 4.º Abade; e S. Odilão (†1049), seu sucessor.

JOAQUIM O. BRAGANÇA

Résumé

Le témoin le plus ancien que nous connaissons de l'onction des malades selon la tradition liturgique de Braga est celui du *Cod. alc.* 162 de la B. N. de Lisbonne, pontifical organisé sur place au début du XIII^e siècle. Il ressemble pourtant de très près à l'*ordo ad visitandum infirmum fratrem* du ms. 843 de la Bibl. Munic. de Porto, rituel en usage chez les chanoines réguliers de Santa Cruz de Coimbra. Dès lors se pose le problème concernant les rapports entre ces deux traditions: l'*ordo* de Braga dépend-il de celui de Coimbra ou bien d'une source commune?

Les livres liturgiques de Santa Cruz de Coimbra, les plus anciens tout au moins, proviennent de St. Ruf d'Avignon; de même toutes les sources connues de Braga se rapportent au Midi de la France. Aussi la question peut-elle se formuler de façon plus précise: l'*ordo* de Braga est-il parvenu au Portugal via St. Ruf d'Avignon, ou bien directement de France sous l'influence de Cluny? C'est cette dernière hypothèse qu'il faudra retenir.

Ordo ad visitandum infirmum

Lisboa, B. N. Cod. Alc. 162

/Fol. 75v/

Quando ingreditur domum¹, sacerdos dicat primum:

1

Domine exaudi orationem meam.

Oratio

Omnipotens sempiterne Deus, qui per beatum apostolum tuum
5 dixisti: Infirmatur quis in uobis, inducat presbiteros ecclesie et orent
super eum ungentes oleo sancto in nomine Domini, et oratio
fidei saluabit infirmum, et alleuabit eum Dominus, et si in peccatis
sit dimitentur ei: te suppliciter exoramus, ut hic famulus tuus, per
ministerium nostre unctionis et donum tue sancte pietatis, peccatorum
10 suorum [fol. 76/ ueniam consequi et ad uitam eternam peruenire
mereatur. Per.

Post hanc orationem perungat sacerdos infirmum hoc modo dicens:

2

Per istam unctionem et suam piissimam misericordiam, indulgeat
tibi Dominus quicquid peccasti per uisum, per auditum, per
15 gustum, per odoratum, per tactum, per incessum pedum, per
ardorem libidinis.

Interim uero dicantur VII psalmi, cum suis antifonis:

3

Ant. Sana me Domine quoniam conturbata sunt ossa mea, et
anima mea turbata est ualde, sed tu Domine conuertere et eripe
20 animam meam.

Ps. Domine ne in furore.

1 — ¹ dom(us)u(m) cod.

- 4 *Ant.* Erat quidam regulus cuius filius infirmabatur Capharnaum: hic cum audisset quia Iesus ueniret in Galileam rogabat eum ut descenderet et sanaret filium eius.
Ps. Beati quorum.
- 5 *Ant.* Domine, descende ut sanes filium meum priusquam 5 moriatur: dicit ei Iesus: uade, filius tuus uiuit alleluia.
Ps. Domine ne in furore.
- 6 *Ant.* Cor contritum et humiliatum ne despicias Deus, sed propter magnam misericordiam tuam miserere mei Deus.
Ps. Miserere mei Deus. 10
- 7 *Ant.* Domine puer meus iacet paralyticus in domo et male torquetur: amen dico tibi ego ueniam et curabo eum.
Ps. Domine exaudi.
- 8 *Ant.* Domine non sum dignus ut intres sub tectum meum, sed tantum dic uerbo et sanabitur puer meus. 15
Ps. De profundis.
- 9 *Ant.* Cum sol autem occidisset, omnes qui habebant infirmos uariis languoribus ducebant illos ad Iesum et curabantur.
Ps. Domine exaudi. II.
- 10 *Deinde, lotis manibus, proferat ei crucem adorandam. Dehinc osculetur 20 tam ab eo quam ab omnibus.*
- 11 *Inde cum reuerencia, accepto corpore Domini de ecclesia, communicet eum, precedente:*
Corpus Domini nostri Iesu Christi custodiat te in uitam eternam.
Amen. 25
- 12 *Deinde dicat hanc orationem:*
|Fol. 76v| Deus qui famulo tuo Ezechie terquinos annos ad uitam donasti, ita et famulum tuum a lecto egritudinis erigat ad salutem. Per.
- 13 *Tunc, iubente eo, dicant alteri qui circumstant sacerdotes sequentes 30 orationes.*

Domine, Iesu Christe, qui es saluator et redemptio nostra, qui es uera salus et medicina, a quo omnis sanitas et medicamentum uenit, qui apostoli tui uoce nos instruis ut languidos olei liquore tangentes tuam postulemus¹ misericordiam: respice propicius super hunc famulum tuum, ab illa mirabili summitate celorum, ut, quem² languor curuat ad exitum et uirium contractio iam pertrahit ad occasum, medela tue gratie saluti restituat castigatum. Extingue in eo, Domine, libidinem et febrium estus, dolorum stimulos ac uiciorum obtere cruciatus: egritudinum et cupiditatum tormenta dissolue, superbie tumorem compesce, uiscerum interna corrige ac medullarum et cogitationum sana discrimina, atque plagarum obducito cicatrices: phisicis tipicisque adesto periculis, ueteres immensasque remoue passiones, opera carnis ac sanguinis materie compone, ac delictorum illi ueniam propiciatus adtribue: sicque illum iugiter custodiat pietas tua, ut nec ad corruptionem aliquando sanitas, nec ad perditionem te auxiliante perducatur infirmitas, sed fiat ei hec olei perunctio [fol. 77] sacra morbi et languoris presentis expulsio atque peccatorum obtata remissio. Per.

Alia

14

Domine sancte Pater omnipotens eterne Deus, qui fragilitatem conditionis nostre infuse uirtutis tue dignatione confirmas, ut salutaribus remediis pietatis tue corpora nostra et membra uegetentur, super hunc famulum tuum propiciatus respice, ut omni necessitate corporee infirmitatis exclusa, gratia in eo pristina sanitatis perfecta reparetur. Per.

25 *Alia*

15

Respice Domine famulum tuum <in> infirmitate sui corporis laborantem, et animam refoue quam creasti, ut castigationibus emendatus continuo se senciat tua medicina saluatum. Per.

Alia

16

30 Deus qui facture tue pio semper dominaris affectu, inclina aurem tuam supplicationibus nostris, et famulum tuum ex aduersa ualitudine corporis laborantem propicius respice, et uisita in salutari tuo, ac celestis gratie presta medicinam. Per.

13 — ¹ postulamus *cod.* ² que *cod.*

- 17 *Alia*
Deus qui humano generi et salutis remedium et uite eterne munera contulisti, conserua famulo tuo tuarum dona uirtutum, et concede ut medelam tuam non solum in corpore sed etiam in anima senciat. Per. 5
- 18 <Alia>
Maiestatem tuam Domine supplices exoramus, ut huic famulo tuo longuo squalore penitencie macerato miserationis tue ueniam largiri digneris, ut nupciali [fol. 77v] ueste recepta, ad regalem mensam unde <ieictus> fuerat mereatur introire. Per. 10
- 19 *Alia*
Propicietur Dominus cunctis infirmitatibus tuis, et sanet omnes infirmitates tuas redimatque de interitu uitam tuam, et proficiat in omnibus bonis desiderium tuum, qui solus in Trinitate unus Deus uiuit et regnat. 15
- 20 *Tunc cum clericis qui circa infirmum inuigilent et psalmos recitent. Relicto infirmo pergat unusquisque ad sua.*
- 21 *Cum autem ad exitum uentum fuerit, congregatus in unum clerus circa ipsum infirmum, cum simbolo: Credo in unum Deum patrem*
- 22 *Scilicet, si diucius in agonia perstiterit, dicant pro eo letaniam: 20*
Kyrie eleison
Christe eleyson
Christe audi nos
Pater de celis Deus miserere
Fili redemptor mundi Deus <miserere> 25
Spiritus Sancte Deus miserere
Sancta Trinitas unus Deus miserere
Sancta Maria ora pro illo
Sancta Dei genitrix ora
Sancta Virgo uirginum ora 30
Sancte Michael ora
Sancte Gabriel ora
Sancte Raphael ora
Omnes sancti Angeli et Archangeli <orate>
Omnes sancti beatorum Spirituum <ordines> orate 35

	Sancte Iohannes Babtista	ora
	Omnes sancti Patriarche	orate
	Sancte Petre	ora pro illo
	Sancte Paule	ora pro illo
5	Sancte Andrea	ora pro illo
	Sancte Iohannes	ora pro illo
	Sancte Iacobe	ora pro illo
	Sancte Philippe	ora pro illo
	/Fol. 78/ Sancte Bartholiome ¹	ora
10	Sancte Mathee	ora
	Sancte Thoma	ora
	Sancte Iacobe	ora
	Sancte Simon	ora
	Sancte Taddec	ora
15	Sancte Mathia	ora
	Sancte Barnaba	ora
	Sancte Luca	ora
	Sancte Marche	ora
	Omnes sancti Apostoli et Euangeliste	<orate>
20	Omnes sancti discipuli	orate
	Omnes sancti innocentes	orate
	Sancte Stephane	ora
	Sancte Clemens	ora
	Sancte Alexandri	ora
25	Sancte Marcelle	ora
	Sancte Marine	ora
	Sancte Laurenti	ora
	Sancte Vincenti	ora
	Sancte Quintine	ora
30	Sancte Mauricii ¹	ora
	Sancte Yrenee cum sociis	orate
	Sancte Dionisi cum <sociis>	orate
	Sancte Fructuose	ora
	Sancte Saturnine	ora
35	Sancte Antonine	ora
	Sancte Leodegari	ora
	Sancte Iuliane	ora
	Sancte Sebastiane	ora

¹ sic!

Sancte Fortunate	ora	
Sancte Victor	ora	
Omnes sancti Martires	orate	
Sancte Silvester	ora	
Sancte Hilari	ora	5
Sancte Martine	ora	
Sancte Marcialis	ora	
Sancte Gregorii ¹	ora	
Sancte Germane	ora	
Sancte Taurine	ora	10
Sancte Aquiline	ora	
Sancte Ambrosi	ora	
/Fol. 78v/ Sancte Augustine	ora	
Sancte Iheronime	ora	
Sancte Eucherii	ora	15
Sancte Nicholae	ora	
Sancte Anasberte	ora	
Sancte Amande	ora	
Sancte Hysidore	ora	
Sancte Leander	ora	20
Sancte Hildefonse	ora	
Sancte Martine	ora	
Sancte Benedicte	ora	
Sancte Maure	ora	
Sancte Filiberte	ora	25
Sancte Columbane	ora	
Sancte Egidi	ora	
Sancte Oddo	ora	
Sancte Maiole	ora	
Sancte Odilo	ora	30
Sancte Geralde	ora	
Omnes sancti Confessores	orate	
Sancta Maria Magdalena	ora	
Sancta Felicitas	ora	
Sancta Perpetua	ora	35
Sancta Agatha	ora	
Sancta Agnes	ora	
Sancta Cecilia	ora	

¹ sic.

	Sancta Lucia	ora
	Sancta Fides	ora
	Sancta Scolastica	ora
	Sancta Radegundis	ora
5	Sancta Florencia	ora
	Sancta Consorcia	ora
	Sancta Daria	ora
	Sancta Columba	ora
	Sancta Eolalia	ora
10	Omnes sancte Virgines	orate
	Omnes Sancti	orate pro eo
	Propicius esto	parce ei
	Ab omni malo	libera eum
	Ab insidiis diaboli	libera
15	A laqueis diaboli	libera
	A cruciatu inferorum	libera
	/Fol. 79/ A gehenna ignis	libera
	Ab igne inextinguibili	
	A uermibus immortalibus	
20	Per sanctam incarnationem <tuam>	
	Per passionem et crucem tuam	
	Per gloriosam resurrectionem tuam	
	Per ammirabilem ascensionem <tuam>	
	Per gratiam Sancti Spiritus Paracliti	
25	In die iudicii	libera
	Peccatores	te rogamus audi
	Ut pacem perpetuam ei concedas	te rogamus
	Ut remissionem omnium peccatorum ei concedere digneris	te rogamus
30	Ut in hora exitus sui ex hac uita ei potenti uirtute succurrere digneris	<te rogamus>
	Ut non occurrat ei potestas tenebrarum	te rogamus
	Ut omnes Sancti intercedant pro nobis et pro illo	te rogamus
	Ut locum refrigerii ei concedere digneris	<te rogamus>
35	Ut inter cateruas sanctorum tuorum eum collocare digneris	te rogamus
	Ut diem iudicii euadere ualeat	te rogamus
	Ut gratiam tuam ei concedas	te rogamus
	Fili Dei	te rogamus
40	Fili Dei	te rogamus audi

Agnus Dei qui tollis peccata mundi	parce illi Domine
Agnus Dei	indulge illi Domine
Agnus Dei qui tollis peccata mundi	miserere illi Domine

Commendacio anime, post egressionem, antequam corpus tollatur de loco, a pontifice dicenda:

5

Pio recordationis affectu, fratres karissimi, commemorationem facimus cari nostri *ill.*, quem Dominus de temptationibus huius seculi assumpsit¹, obsecrantes misericordiam Dei nostri, ut ipse ei tribuere dignetur placidam et quietam mansionem.

¹ *assumpte cod.*